



O Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 17 de Maio de 1980 * Ano XXXVII — N.º 944 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Os Direitos da Criança

Cartas de muitas origens incitam-nos a continuar a reflexão dos problemas da Criança, discorrida nestas páginas, com alguma regularidade, ao longo de 1979, o «Ano Internacional» dela.

Parece ser vontade geral de quem assiste consciente a um mundo tardio para a conversão, a um mundo cujo futuro pacífico e feliz se prenuncia bastante anuviado, que os objectivos do «Ano Internacional da Criança» se prolonguem por todos os anos.

A UNICEF quer aproveitar o balanço gerado por este Ano para estabelecer em cada país um dinamismo capaz de perdurar e desenvolver as iniciativas encetadas em defesa dos Direitos da Criança. Reconhece que, até agora, a sua ajuda foi de natureza moral. Mas

pretende, no futuro, prestar uma colaboração mais eficaz, o que dependerá da apresentação de planos exequíveis por parte das Autoridades nacionais, projectos capazes do seu apoio.

Esta notícia nos trouxe há alguns meses um enviado deste Organismo das Nações Unidas, que tem percorrido a Europa a saber do que se fez e tenciona fazer, o qual verificou que «em Portugal não se conseguiu ir muito longe, provavelmente por falta compreensível de verbas».

Verbas..., o papão com que se costuma justificar a inércia, muitas inércias! Fosse esta a explicação total, ou a principal, das carências múltiplas que afligem o nosso corpo social e não haveria de que nos envergonharmos, uma vez que

se considera «compreensível» a falta delas. Mas não me parece honesto pôr aqui a tónica! Falta real interesse, dedicação, simplicidade no abordar de essenciais problemas humanos — o que faz da sinceridade aborto e esteriliza a decisão de os remediar. Superabundam interesses menores, oportunismo, bandeiras a içar — o que subverte a ordem verdadeira de prioridades.

A grande falta situa-se ao nível de pessoas. Pessoas que sofram na sua carne os problemas dos outros e, sem outra intenção que não seja resolvê-los, se atirem atrevidamente à realização.

Um exemplo. A pequenina e involuída aldeia de Samodães chega um padre. Há que arranjar aquele povo para um esforço de evolução que o eduque e leve a metas mais altas de progresso. Há que começar por algo. A necessidade de acudir à primeira infância impõe-se. Um jardim-infantil surge como resposta. E ele lá está a funcionar, pobremente,

Cont. na 4.ª página

NOTAS DA QUINZENA

● Neste tempo em que os passarinhos fazem ninho, a nossa Casa sofre e cresce também com isso. Os mais pequenos dos nossos rapazes até sonham que andam aos ninhos! As sebes, os arbustos, a ramagem dos muros e os buracos das paredes são revistados e vigiados pelos mais tentados por essa grande beleza. A tentação sadia de descobrir o ninho, vem juntar-se o desejo da posse. A este segue-se, muitas vezes, outro ainda pior: abusar, destruindo a propriedade da qual só os passarinhos são donos. Foi por isso que há dias um dos «batatinhas», o «Lisboeta» mais pequeno, veio pedir-me explicações:

— O Atalaia diz que sabe de um ninho que é dele... Então o ninho não é dos passarinhos?

— Pois claro que é... Ninguém é dono dos ninhos. Só os passarinhos são os legítimos donos. Do descobrir até à tomada de posse vai um salto grande e brusco. E a propósito disto falou-se a todos do respeito pelas coisas da Natureza. Elas estão ao serviço do Homem, no alimento do

corpo e do espírito e ninguém pode nem deve abusar do serviço que as coisas da Natureza nos prestam. Razão tinha o «Lisboeta» pequeno... A posse das coisas nem sempre tem o carácter da legitimidade. E se ainda por cima vier o abuso do uso da posse? Justiça! E por isso que agora nos chegam reclamações justas de indignação de alguns mais pequenos dos ninhos que aparecem desfeitos e os ovinhos partidos... Justiça — pedem eles. A educação de Homens também é feita com penas... de passarinho, à semelhança dos ninhos!

● E já agora e a propósito do que falamos atrás, o respeito pelo direito à sua casinha não se estenderá também aos homens, seres semelhantes a Deus?!

Há dias, fomos a caminho de Guilhufe, aldeia perto de nós, fazer uma festa. Era sábado à tarde e à beira da estrada vimos homens e mulheres agarrados ao cimento e aos blocos, construindo as suas

Cont. na 3.ª página

AQUI, LISBOA!

«Quanto mais humanamente tratarmos as crianças, maior número de mãos se levantam para o Céu.»
(Pai Américo)

Falámos aqui, no último jornal, da delinquência juvenil, com tendência para aumentar, ao mesmo tempo que vai baixando para a idade da primeira adolescência o início da criminalidade. Porque estamos, por devoção, apostados em investir na criança e a investir por amor, voltamos ao assunto, certos de que não o faremos, se Deus nos der vida e forças, pela última vez.

Faz-nos pena ver a superficialidade com que certas pessoas referem assuntos atinentes à vida da criança e ao seu processo educativo, às vezes citando modelos oriundos de outros países, para alardearem conhecimentos que não têm da realidade e deturpando, até, os factos.

Com grandes títulos e à laia do último grito, são-nos apresentados modelos que devem ser rejeitados. Falou-se há pouco da supressão dos

çoites ou castigos corporais na Suécia, como se daqui, em matéria de educação, e não só, nos pudessem vir exemplos convincentes. As pessoas esquecem que as violências podem ser também realizadas por omissão e não só por comissão. E que exemplos nos chegam da Suécia? A família destruída; a violência e libertinagem sexual; um dos mais elevados índices de doenças venéreas; uma prostituição, incluindo a de muitos jovens, atingindo altos níveis (de 1960 a 1977 aumentou 20 vezes); a pornografia mais sofisticada (envolvendo negócios de milhões de coroas); a socialização da criança e a negação do papel do sangue na própria educação e formação dos jovens; um ensino medíocre, sem disciplina nem conteúdo; uma criminalidade juvenil cada vez mais acentuada; altas percentagens

Cont. na 4.ª página



As sebes e arbustos são revistados pelos mais tentados com a beleza dos ninhos!

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

PAVILHÃO — O tão falado e desejado pavilhão social polivalente, está prestes a ser uma realidade no que diz respeito à sua execução.

Alguns contratemplos atrasaram o seu início, mas felizmente estão superados. E agora, sim, pode ir para diante. A rua que dá acesso ao local já foi desobstruída e pavimentada à altura de poder suportar o peso das máquinas e camiões que a irão utilizar.

Pavilhão social polivalente, tanto quanto o seu significado comporta, será um empreendimento que irá enriquecer a nossa Casa. Pois com ele será mais fácil dar resposta a diversas necessidades no que diz respeito a espaço para realizar jogos de salão, bem como reuniões, projecção de filmes e encontros de jovens, etc., etc., tudo quanto nele possa ter cabimento e não ultrapasse a linha da nossa Obra.

MUDANÇAS — Depois da casa um, a dois está a ser submetida a pequenas obras, para receber os rapazes mais velhos que irão deixar as instalações antigas para assim fazerem parte do complexo habitacional da nova Aldeia que ficou agora completo com a inauguração da última casa.

Dos muitos sonhos, mais um tornado realidade bem visível, que irá ter reflexos bem positivos para toda a comunidade.

Se o sonho é bom, também a realidade é bem melhor que o sonho. Na próxima edição procuraremos dar uma imagem da casa nova.

AMPLIFICADOR — Campanha que foi lançada e nem sempre correspondida por nós, no que diz respeito à presença nestas colunas.

Porquê desistir? Grão a grão enche a galinha o papo — disso estamos nós bem certos. Já nos chegaram algumas migalhas, mas ainda estamos muito longe de alcançar o objectivo. Amigos, contamos convosco.

Bem hajam.

António José

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Apoiado num bordão, sr. Zé pára junto ao portão lateral do campo santo e toca religiosamente no chapéu.

Passam carros. Passa gente. O mundo em rodopio.

Ao vê-lo, ainda longe, meditamos nos santos anónimos com os quais cruzamos no caminho.

Já à beira dele, soltamos um viva sr. Zé! Arregala os olhos. Bálbucia. E, depois de nos reconhecer, exclama:

— Olha, olha! Dê cá um grande abraço; um grande abraço!

— Como vai...?

— Graças ó Senhor vamos andando..., inté q'Ele queira. Antão um

dia é q'há-de ser, Lá em cima! Já falta pouco...

O nosso encontro redonda num testemunho de Fé, de Esperança.

Sr. Zé costuma partilhar a Fé e a Esperança sem rendas nem rodeios. A Teologia do Pobre é assim mesmo: directa, incisiva. Despida de neoeiro, vai logo ao Sítio.

PARTILHA — Rua Pascoal de Melo, Lisboa:

«Seguiu um vale de correio na importância de 500\$00 para substituir o cheque que se extraviou.

Em Janeiro eram trezentos escudos, ontem foram quinhentos. São para as necessidades da Conferência.

Intenções desta pequenina oferta: sufragar almas queridas de três velhos Amigos de Lisboa.»

O vale do correio, habitual, da assimante de Paço de Arcos. Mais três mil escudos da Rua Tristão Vaz, também da capital. E uma oportuníssima remessa da Rua dos Bombeiros Portugueses, Faro.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

VISITANTES — Recebemos a visita da Escola n.º 119, de Ramalde (Porto).

Depois, na dita Escola, a professora lembrou-se de mandar executar redacções sobre o passeio a nossa Casa. A professora enviou-nos a mais bem elaborada, da autoria de José Dias.

Vamos transcrevê-la:

«Gostei muito desta visita de estudo à Casa do Gaiato, que é, como todos nós sabemos, uma Obra excepcional. O fundador desta Obra foi o Padre Américo Monteiro de Aguiar; eu digo foi porque ele já morreu e no sítio onde ele teve o acidente que o levou para a sua Vida plena está um pequeno altar que o povo daquela região fez para comemorar o acidente.

Aquela Obra recebe rapazes que não têm família ou a quem a família despreza e rejeita.

A Casa do Gaiato é uma quinta grande onde existe capela, escola, alfaiataria, lavandaria, sapataria, etc.

Uma coisa que eu não imaginava era que lá também houvesse piscina!

Os mais pequenitos de lá são chamados «Batatinhas», por serem pequeninos.

Para terminar, quero dizer que o Padre Américo tinha um grande coração...»

Em traços muito largos aqui temos o que somos.

Só gostaria de esclarecer um ponto ao amigo José Dias: A piscina, bem assim tudo aquilo que cá existe, é fruto do nosso trabalho e da ajuda em materiais e dinheiro de amigos nossos que gostam de ver a nossa Casa com mais aconchego e mais funcional.

Restam os nossos agradecimentos e informar que também recebemos os desenhos do Hugo, Paula Cristina e Marta Teresa, sobre a nossa Aldeia. Parabéns pelo vosso trabalho.

FESTAS — Temos apresentado nas localidades vizinhas a revista musical que o ano passado preparámos para a *tournee* habitual.

Desta feita, foi em Guilhufe.

Vimos bastante desgostosos, uma vez que um grupinho de jovens levou para o salão problemas que se deviam discutir fora dele e perturbaram a festa por completo.

Com o respeito que é devido à grande maioria dos espectadores, temos a lamentar o fraco civismo do dito grupo de jovens que nada honra a sua terra.

Iremos continuar a nossa volta.

Estivemos também no salão paroquial da nossa terra. Nunca tínhamos cá actuado por não haver onde. O público foi francamente acolhedor e respeitador. Havia uma grande quantidade de jovens.

Os nossos «actores» ficaram encantados por verem a sala cheia de público tão bom.

No fim matámos o apetite com ofertas da organização.

Bem hajam.

«Marcelino»

BOLAS — Amigos desportistas, estamos carecidos de bolas. Algumas temos nós comprado; outras oferecidas por equipas que aqui nos vêm defrontar. O certo é que elas

não duram sempre. Pois venho apelar para aquelas equipas que tenham bolas paradas, ou mesmo amigos que no-las queiram oferecer. Desde já lhes ficamos muito gratos.

Qualquer equipa que venha cá disputar um troféu, poderia este ser uma bola, pois assim poderíamos ir satisfazendo as necessidades do nosso Grupo. Obrigado.

O «NOCTURNO» — É um jornal de parede, dos rapazes da casa 2 r/c. O «Marcelino» teve a ideia de o começar a construir. Nos primeiros dias pensámos arranjar-lhe um título. Chegámos todos a acordo: ficou o «Nocturno». Decidimos que todos dessem o seu contributo. Uns com desenhos, outros crónicas, anedotas, adivinhas, etc. Está um bom jornal, bem feito. Por isso, continuamos a fazê-lo, para não o deixarmos ir abaixo.

SERVIÇO MILITAR — Mais um para cumprir o serviço militar. Desta feita, o «Marcelino», cronista durante anos do «Famoso». Oxalá tenha boa sorte.

SILÓ — Está repleto. Durante a semana os nossos rapazes, mais os homens do campo, trabalharam duramente, para o encher. E conseguiram. Uns cortando erva, outros carregando o tractor, outros ainda a ralar a erva. Era um encanto vê-los trabalhar!

«Salsichas»

Setúbal

O NOSSO DIA-A-DIA — O vinte e cinco de Abril. Nós também o comemorámos. Levantámo-nos um nadinha mais tarde. Depois, cada um teve a sua tarefa. Os mais pequenos pegaram em sacos e foram arrancar ervas nas ruas calcetadas. Outros foram fazer as obrigações habituais; os pedreiros mai-los carpinteiros andaram a forrar a sala de convívio da que vai ser a casa um. O Moreira mai-la mulher, e o Faia, foram pró salão, com vários deles na tarefa de ensaiarem a nossa Festa. Tudo em ritmo de festa, tudo em liberdade. Eis a nossa revolução. É o nosso

dia-a-dia; daí não ligamos muito aos festejos e discursos que se fizeram por aí fora.

FRUTA — Eu estava numa janela das obras novas. Alguns deles brincavam. Outros trabalhavam. Porfírio mais outro não: andavam a «sorripiar» laranjas. Olharam-me e disfarçaram a sua falta. Ora, nós temos muita fruta. Mas é dever deles não a apanharem sem ordem. Daí o dar fé do Porfírio mais do outro. Viram-me e acordaram. Não podem. Não devem. A fruta é de todos e como tal, é para todos comerem a horas, apanhada e distribuída por alguns deles para isso designados.

TELEVISÃO A CORES — Nós andamos a «lavar a cara» à casa um. Como já disse em cima os carpinteiros andam a forrar as paredes com madeira dos caixotes dos automóveis. Dissemos que vão levar prateleiras para livros e jogos e bíbelos. Dissemos onde iria ficar a televisão. A pergunta deles foi repentina: — «E vai ser a cores?» Eu sorri, mas eles não se contentam com o sorriso. Eu não sei se será luxo ou não. Tudo depende de haver alguém que compreenda os desejos dos filhos. Nós não temos dinheiro para TV a cores, que diria bem no aconchego da sala de convívio da casa um. Que o digam agora os nossos amigos.

CARAS NOVAS — Muitas caras novas têm vindo povoar a nossa Família. Sem termos as condições necessárias para os acolher, apetece-nos dizer que não. Mas as necessidades deles fazem-nos fechar os olhos às nossas carências. Assusta-nos muito a ideia de os vermos no lodo que os definha e não deixa que brotem flores para a sociedade. Uns vão, outros vêm. Cabe-nos a consolação da visita de muitos que já saíram. Vêm visitar-nos, vêm matar saudades, talvez no desejo de conquistar os novos através duma palavra ou dum simples convívio familiar. Eu tenho pensado muito no que Pai Américo disse: «Os principais obreiros hão-de vir de fora». Nós acreditamos nos filhos e acreditamos que eles saberão dizer aos seus o que devem a quem nos gerou.

MARCOLINO — Hoje fui à casa-mãe e entrei no quarto de banho dos pequeninos. Eles estavam a tomar banho. É sábado. É dia de barreira cá em Casa. Marcolino fazia essa barreira aos seus irmãos mais novos. Ele é o chefe deles no quarto de dormir. É o responsável na mesa que eles ocupam na sala de jantar. Vela por eles. Grande responsabilidade esta de chefiar os nossos mais pequeninos! É o começo duma geração. Que Marcolino compreenda e se vá construindo a ele próprio. Se não der fé agora, o tempo virá mostrar-lho. Viva o Marcolino!...

PADRES DA RUA — Os nossos Padres vieram reunir em nossa Casa. Assuntos de cada comunidade requerem pareceres e diálogo entre todos.



«Estamos carenciados de bolas...» — diz o «Salsichas».



Lar Operário em Lamego

Vão sendo horas de apresentar notícias dos nossos rapazes. O «Jardim» de Samodães, desviou os cuidados e as atenções de muitos. Para ali se tem canalizado quase tudo. Ficamos com o indispensável para o pão-de-cada-dia. Levantar uma casa, ainda que pequena, custa muito dinheiro. A responsável do Lar de S. Domingos não concorda com aquele proceder. A viver sempre preocupada como mãe carinhosa e solícita, as vinte e quatro horas do dia, receia que um amor venha prejudicar outro.

Tenho-a tranquilizado indicando que a nossa Fé tem de estar em Deus e que os dona-

tivos se devem encaminhar para onde a necessidade for maior. Olhemos para os rapazes do Lar de S. Domingos, ou para as crianças do «Jardim» de Samodães, temos de os ver irmãos nossos, com a mesma origem, embora distantes uns dos outros e a caminhar por trilhos diferentes; e embora lidando mais com aqueles do que com estes, no final, todos são necessitados de amor, de carinho e de ajuda. No coração do homem que sabe amar com os olhos no Céu, cabem todas as necessidades; e todas as dores e aflições encontram eco salutar e eficiente.

Há dias recebemos uma carta de alguém que nos tem

ajudado muito, a dizer que na sua terra estava agora a começar o levantamento duma igreja. Organizaram-se comissões para colaborar no empreendimento, das quais também fazia parte. No final da leitura da carta, o primeiro pensamento foi de que ia desaparecer um benfeitor. Enganamo-nos. Depois disso, já nos enviou para as amêndoas da Páscoa! São assim as almas generosas que sabem servir causas nobres. São assim todos aqueles que sabem compreender que, para além dum edifício de pedra e cal, mesmo uma igreja, está outro templo mais valioso de pedras vivas que é todo o homem, a começar pelas crianças e jovens. E podia ainda surgir a pergunta: — Que adianta um lindo templo, mesmo religioso, para estar vazio e deserto porque não se cuida da formação ou bem-estar daqueles que o podem frequentar?

Agora reparamos que ainda nada dissemos dos rapazes do Lar de S. Domingos. As suas idades e os seus afazeres e as suas ocupações são diferentes. Há um que vai em breve para o serviço militar. São vários os que estudam. Uns querem aprender a electricista e outros a alfaiate. O Henrique já casou. O Martins foi para o Lar do Gaiato do Porto e está a aprender a encadernar livros e revistas. Veio nas férias da Páscoa muito entusiasmado e mostrou saber do seu officio, na Tipografia Voz de Lamego. Tem aproveitado bem o tempo. Eis uma recompensa para todos os que se interessam pelo Lar de S. Domingos! Houve alguém que chamou «milagre» à transformação do Martins.

O caso é mais simples e bem se pode explicar sómente por o rapaz ter encontrado compreensão e carinho, e quem lhe falasse como se fala a um homem, embora tenha só 16 ou 17 anos. Na última semana o Martins voltou para o Porto a fim de aperfeiçoar mais os seus conhecimentos. Estamos esperançados que num futuro muito próximo se poderá empregar e começar vida nova. E esta a finalidade do Lar de S. Domingos, que vai registando com satisfação o ver lançados na vida, ora um, ora outro.

A crónica de hoje, contra o costume, já vai um pouco longa, mas queremos, antes de terminar, dizer que o Tribunal nos entregou, há dias, mais um rapazinho. É o Oliveira. Não perguntou por contas; não prometeu dar nada para ajudar à subsistência do pequeno, mas acreditou no amor que o Lar de S. Domingos podia dar-lhe. Ficamos contentes pela confiança depositada em nós e com a certeza de que tu vais mandar o preciso como se fosses Pai ou Mãe do Oliveira. Tem 11 anos.

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª página

casas ao fim-de-semana. Chamei a atenção dos rapazes mais velhos que iam comigo. Eles viram como eu vi! Gente que trabalha, aqui ou acolá, no campo ou na cidade e não quer descansar — um dever — por causa de um direito à habitação que tão caro lhes fica, na terra em que nasceram, para além do suor, dos calos rijos e das insónias... Quem tem a sua casa ou as suas casas saiba dar valor! E quem tem o poder de ajudar ou até poderes mais altos, faça respeitar o seu poder, na ajuda que nos merecem todos os que sacrificadamente procuram, por suas próprias mãos, uma vida mais digna. Até os passarinhos têm o direito ao respeito pela sua casinha! Quanto mais...!

● O Fausto está formalmente proibido de bater, seja lá em quem for ou por que

Eles sentem a necessidade de trocar impressões sobre este ou aquele assunto e daí a necessidade de se reunirem. Desta vez foi em nossa Casa.

Chegaram à tardinha. Dirigimo-nos para a Capela para celebrarmos uma acção de graças. «A Capela é o Centro» insinuou-nos Pai Américo. E é nesta certeza que para lá nos dirigimos nos momentos mais importantes da vida das nossas comunidades. Jantámos em família e eles foram logo trabalhar, prolongando esse trabalho até às tantas da noite. No dia seguinte, cada um voltou para a sua comunidade sempre na canseira incessante de construir homens e de solucionar problemas que a sociedade rejeita.

Ernesto Pinto

motivo for. Tem a mão leve e nem sequer está investido em autoridade para o fazer. Ora da proibição, que também se aplica a todos os da sua condição, é muitas vezes acusado de ter falhado. Vejam só esta: Ouve-se uma zaragata e eu pergunto o que é. Lá aparece o Fausto, calmamente; até me pareceu dar um leve sorriso à sua cara simpática! Explica o caso à sua feição. Entretanto, vê-se lá a um canto, um outro a chorar e já com o sangue a pingar do queixo para o chão. Era o Silva; e dizia com lágrimas e sangue: «Quero-me ir embora. Eu não sei jogar à porrada e para mais já na escola da minha terra eu era bastante nervoso»...

Ele e o Carlos Miguel pegaram-se. Este tinha mais jeito e levou a melhor. Entra o Fausto e em vez de acudir pelo mais fraco, não. Alia-se ao mais forte e o resultado estava à vista. Uma aliança muito mal feita. Se fosse ao contrário, poderia ter desculpa ou atenuantes. Assim não. Um pequeno tribunal imediatamente feito, com testemunhas (acusação, só) e o Fausto foi o mais castigado. Mais, até porque ele não soube ou não quis tomar a defesa do mais fraco e não soube acabar com o barulho. Antes pelo contrário!

É mais fácil, menos incómodo, ser pelo mais forte do que aceitar o risco da defesa do mais fraco ou do mais necessitado, dentro da razão. Tal não aconteceu aqui; e, daí, o castigo maior, sem atenuantes.

No mundo dos adultos, milhões e milhões de casos iguais ao do Fausto.

Padre Moura

RETALHOS DE VIDA

O José António



Chamo-me José António Pereira. Sou natural de Moçambique, onde nasci em 25 de Agosto de 1965.

A minha vida começou por ser, logo de início, um pouco agitada. A minha mãe abandonou-me quando tinha 3 anos. Assim continuei vivendo na presença de meu pai até ingressar na Casa do Gaiato.

Éramos uma família de três: meu pai, eu e meu irmão Ricardo, que também está aqui, juntamente comigo. O nosso pai era muito nosso amigo. A vida que levávamos na sua presença era muito feliz; era um homem que trabalhava para sustentar dois filhos que estudavam. O tempo que nos dedicava era pouco, mas o suficiente para que nos fizesse felizes.

Como na vida nada se encontra definido, aconteceu aquilo que não esperávamos: o meu pai sofreu um acidente de viação que o fez regressar a Portugal para se poder tratar, visto que lá não havia médicos competentes. E nós ficámos em casa de uma tia à espera que a nossa situação fosse resolvida.

Vimos para Portugal no intuito de continuarmos a vida na presença do nosso pai; mas aqui surgiram grandes complicações! Antes de ir para Moçambique ele casara com uma senhora, da qual tinha filhos; ela tinha conhecimento da nossa existência como filhos do seu marido, mas não seus. Quando o meu pai nos pretendeu trazer para junto de si, ela recusou aceitar-nos em sua casa. Fomos viver para junto de uns amigos, em Lisboa.

Depois de ano e meio vividos debaixo de todos estes problemas, surgiu a hipótese de darmos entrada na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, na qual residimos com grande alegria.

Actualmente faço a limpeza das nossas Escolas. Meu irmão Ricardo trabalha na limpeza da casa-mãe. Somos ambos estudantes da Telescola. Eu penso continuar a estudar. Gostava de ser engenheiro electrotécnico para um dia mais tarde poder vencer na vida.

Caríssimos leitores, espero que tenham gostado de ler a pequena história da minha vida, história que eu não gostaria que se repetisse neste mundo.

Assim termino com um forte abraço para todos vós.

José António Pereira

«QUEIMA DAS FITAS»

Já há uns anos que os nossos rapazes não participavam na «venda da pasta» da «Queima das Fitas». Os mais velhos lembram, muitas vezes, esses grandes dias de confraternização com os estudantes da Universidade do Porto.

A nossa carrinha foi-nos levar, logo de manhã, à porta da Faculdade de Ciências onde já se encontrava reunida a maior parte dos estudantes. Alguns minutos depois pusem em cada grupinho dois rapazes nossos com as respectivas saquitas.

A alegria e a boa disposição notam-se, tanto nos estudantes que estão acabando a sua carreira como nos nossos pequenitos que estavam prontos para o que desse e viesse.

Quando chegou a hora do almoço, almoçaram muito bem, em casa dos estudantes, juntamente com as famílias, ou

até mesmo em restaurantes e confeitarias, etc.

Chegou por fim a noite e lá estavam eles, uns mais molhados, outros menos, o que acontece é que todos eles gostaram muito. Tudo correu com muita vivacidade e amor uns pelos outros. Por isso, chegada a altura da partida para Paço de Sousa, cheios de bolos e balões, lá acabaram por se irem despedindo dos grupos com que andaram.

Deu-se o sinal para a partida e eles foram contando o que se tinha passado naquele dia.

Por falta de espaço, reservamos os comentários para a próxima edição de O GAIATO.

Só nos resta agradecer aos estudantes e à população da cidade do Porto a amizade que nos dedicam.

«Faniqueira»

Padre Duarte

Cont. da 1.ª página

de suicídios nas camadas juvenis e nas idades avançadas; o desrespeito pelas pessoas idosas. Há certos mitos que precisam de ser denunciados e, quando se pretende transferir para o Estado todas as responsabilidades, esquecendo aquilo que compete singularmente a cada um e às famílias, caminha-se a passos largos para a deterioração social e, em última análise, para o caos. É que o Estado não tem coração nem alma; e se em favor dele se alienam todos os deveres, jamais haverá lugar para que cada um seja pessoa, indivíduo e conscientemente, passando a ser peça numa máquina infernal que nem sabemos bem o que seja.

Pai Américo diz-nos que «o uso de castigos corporais, onde não possa ser totalmente

AQUI LISBOA!

banido, seja escrupulosamente aplicado». A simples supressão dum puxão de orelhas, a tempo e a horas, ou de um tabefe no momento adequado, não podem considerar-se, por si só, sinal de progresso ou da «legalização mais avançada do Mundo no que se refere aos direitos da criança». Certo, e ainda com Pai Américo, que «vale mais a palavra amiga, conveniente e oportuna» e que «a justiça é a primeira arma de combate aos vícios, às quedas e más inclinações» e que «ela persuade, encoraja, dá brio; é irmã gémea do Decálogo». Mal da autoridade que apenas se faz respeitar pela força e que recorre a ela sis-

tematicamente. Esquecemo-nos porém, que, com frequência, há palavras ou ausência delas, demissões e procedimentos muito mais violentos de que um simples estalo dado oportunamente e com justiça, que, não raro, resolveria os problemas e evitaria tragédias. Importa, isso sim, ainda com Pai Américo, que o que preside se muna da arma da justiça para todos os casos, ainda os mais insignificantes, sabendo que, quanto mais tenra for a idade, mais vivo é na criança o sentimento de Justiça.

Fala-se já por aí, na linha da imitação tão comum neste País, do chamado «divórcio» dos filhos em relação aos pais, como uma medida altamente progressiva em matéria educacional. Valha-nos Deus! Trata-se também de submeter anualmente os pais a um teste sobre as suas opiniões e de assegurar que eles transmitam às crianças pontos de vista no sentido dos interesses da sociedade. Há quem sonhe, mesmo, com jardins de infância obrigatórios, alegando que a mãe entrava no lar o desenvolvimento da criança e lhe impede o caminho da independência!

Que ante pais manifestamente incapazes ou incompetentes as leis, confiem os filhos a instituições ou pessoas capazes, é uma exigência, nem sempre assegurada e fácil, que

urge adoptar. Que se venha, porém, em nome dos direitos da criança, recusar sistematicamente os pais biológicos para preferir os chamados pais psicológicos, é contra a lógica da vida. A Natureza, nisso como em todas as coisas, dá-nos um exemplo bem elucidativo. Desrespeitá-la, nas suas leis e nos seus fundamentos, é incorrer riscos imprevisíveis. É caso ainda para dizer: Que maturidade se pode reconhecer num adolescente para requerer o «divórcio» dos pais ao sabor de qualquer crise ou simples birra?

A criminalidade aumenta sucessivamente porque as famílias não funcionam ou se dissolvem ou, ainda, porque não têm a protecção devida. O desemprego, a falta de habitação condigna e os esquemas sociais e educativos prontos e eficazes escasseiam. Mas, ao fim e ao cabo, tudo se pode resumir em duas palavras: a falta de observância dos princípios morais, desde o plano individual ao social, justifica o panorama apontado. A onda de materialismo reinante, por outro lado, tudo procura subverter e submergir.

Com a delinquência juvenil há que encarar a prostituição. É certo que as situações de pobreza são favoráveis à proliferação desta temática. Mas também é verdade que, em países materialmente conside-

rados como evoluídos, isso não deixa de ser também um grave problema. Para desfazer ainda mitos: Na Suécia, a prostituição em idades inferiores a 15 anos é corrente. E para nos situarmos neste torrão à beira-mar plantado, onde a prostituição de raparigas de tenra idade é um facto, a todos os escalões sociais, aí vai um caso exemplificativo, de há dias. Uma jovem de 15 anos, com pais separados, foi entregue a um dos avós pelo Tribunal. É estudante ou, pelo menos, está matriculada. Várias vezes fuge e pernoita fora. Interpelada pelas autoridades, diz não querer ir viver com os avós, porque não gosta deles. Na sua frente diz que os odeia. Averiguados os factos, sabe-se que, nas suas ausências, coabitara com adultos do outro sexo. Um exemplo, entre muitos que chegam ao nosso conhecimento. Ausência de família, falta de pulso das pessoas com quem convive, uma escola degradada, em suma, um ambiente satânico que lhe é oferecido forja o seu despiste. Não lhe atiramos pedras, que ela é mais vítima do que criminosa. Criminoso, isso sim, é verdadeiramente o mundo que oferecemos aos jovens.

FESTAS — Realizada a de Lisboa, na altura em que este número chegar às vossas mãos, aprestam-se os rapazes para comparecer no Salão do Cinema dos Bombeiros Voluntários de Loures. É a 17, sábado, pelas 15 horas e 30 minutos.

Padre Luiz

FESTAS

Estávamos ocupados n'O GAIATO, eu e Padre Moura. Se fôssemos poetas, não faltaria verbosidade, não faltaria poesia... Mas O GAIATO, por natureza, é voz dos sem-voz, luzeiro de uma Obra que está por eles — à sombra do Santíssimo Nome de Jesus.

No escritório, entra de rompante uma senhora tripeira. Mulher simples. Despida de maquilage. Bem falante. Impulsiva. Além da visita anual, vinha liquidar contas do jornal. E mais: pôr uma questão oportuníssima: — Então V., este ano, defraudaram-nos?! Ela disse um verbo muito mais acutilante, com um sorriso amigo e voz troante.

Padre Moura fica mudo e quedo, diríamos abatido, pela violência do ataque.

— Mas defraudada porquê?!

— V. não vão ao Coliseu! E deveriam ir... Muita gente, além de nunca faltar à V. Festa, praticamente não assiste a espectáculos. Não está certo! V. defraudaram-nos...!

Enquanto ela fazia contas, esclarecemos, pormenorizadamente, os motivos da ausência junto do público do Porto, na majestosa sala do Coliseu. Entre os quais sublinhámos — ao contrário do que disse o nosso Padre Horário na última edição — que a malta não «estará de folga», mas ocupada. Nos fins-de-semana — com o programa do ano anterior — visitam pequeninas salas do interior do País, cujas paróquias jamais teriam o gosto de nos receber, se fizéssemos uma tournée em grande.

Foi a maneira mais simples e eficaz desta Amiga se calar!

E Padre Moura, não tivéssemos a liberdade de apresentá-lo à senhora, continuaria encostado à parede, sufocado com tamanha arremetida!

Entretanto, o nosso Padre Carlos regressa do Porto, disposto a pôr água na fervura. «Querida também glosar o caso!... No Lar e nas ruas do Porto são vozes centos de vezes repetidas. Acrescenta lá isso...»

Aqui está. E vejam o desgosto que reina entre os nossos Amigos da Cidade Invicta!

A peregrinação da malta de Miranda do Corvo, pela zona Centro do País, tem muito que andar, de Arganil à Mealhada.

E Setúbal, vai também começar.

Júlio Mendes

- 18 de Maio, às 21.30 — Teatro Alves Coelho ARGANIL
- 23 " " " " — Teatro-Cine COVILHÃ
- 24 " " " 15.30 — Cinema Gardunha FUNDÃO
- 25 " " " " — Cine-Teatro Avenida CASTELO BRANCO
- 30 " " " 21.30 — Cine-Teatro Império LOUSÃ
- 6 de Junho " " — Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA
- 7 " " " " — Teatro de Anadia ANADIA
- 14 " " " " — Cine-Teatro Messias MEALHADA
- 23 de Maio — Cine-Teatro Luisa Tody SETÚBAL
- 24 " " — Quinta do Anjo — PALMELA
- 25 " " — Humanitária de PALMELA

OS DIREITOS DA CRIANÇA

Cont. da 1.ª página

como pode ser. Terreno, alguém o doou. Uma pequena e provisória instalação permite já acolher as crianças mais necessitadas. Mobiliário e outro equipamento, improvisou-se. Verbas?... Ainda não apareceram. Mas também não estorvaram. E pouco a pouco, como o «caldo de pedra», vai aparecendo o preciso. Mesas e cadeiras já as há. E a casa própria e digna de utentes tão merecedores como os mais pequeninos samodenses, também se há-de levantar. A mobilização começou pelas pessoas e comprometeu-as. Estagiárias da Escola de Formação Rural de Lamego. Irmãs. Gente de boa vontade. E até estudantes estrangeiros ali deram semanas de trabalho no passado verão. Festas singelas promovidas por estes agentes com as crianças, congregaram e fizeram conviver pessoas fechadas sobre si e escravas do trabalho. Quem lá for não acha nenhuma fachada de Obra mas começa a encontrar uma comunidade. É a semente a germinar. Quando chegará abundante frutificação? O processo é lento, mas quem semeia não tem pretensão de colher. Aqui trata-se de servir a criança em verdade; a criança e o povo a que ela pertence. É um princípio. O que mais virá?... O imediato é o que menos conta.

Com os louros que se enfeite quem quiser.

E as «verbas»? Essas continuam ausentes e serão capazes de nunca fazer falta nenhuma. Mas então o dinheiro ainda não foi preciso? Foi e já correu bastante. Brotou de muitas fontes percutidas pela vontade determinada de um homem. Os senhores dos planos movidos a verbas ignoram. Os técnicos naturalmente sorriam. Ali ama-se e anda-se. Eis.

Mas voltemos às intenções da UNICEF. «Portugal poderá vir a beneficiar particularmente dos programas futuros de apoio à Criança, integrados na campanha do Ano Internacional» — se lê na notícia a que me reporto. Será que os Responsáveis pensam a sério em «planos exequíveis» a propor, sem grandezas mas dirigidos às urgências maiores da nossa grei? Ou será que, uma vez mais, se

comprovará a nossa incapacidade de apanhar a tempo as mãos que se nos estendem?

«E tanto há ainda a fazer em prol das nossas crianças, carecidas de meios, não só de apoio à primeira infância como, sobretudo, em termos de habitação, numa sociedade que cada vez mais sofre de mutações, sem que as estruturas acompanhem as solicitações da vida moderna, em que os pais têm de trabalhar e as crianças, tantas vezes, ficam entregues a si próprias ou a vizinhos que, a despeito de todas as boas vontades, não podem substituir planos concretos de apoio». Eis uma tarefa imensa, na verdade, em que o dinheiro tem o seu lugar, mas o principal papel cabe a homens capazes de picar o peito e dar seu sangue, sem segundos sentidos, como os pelicanos.

Padre Carlos



O Gaiato

Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
 Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa